

LEVANTAMENTO FITOGEOGRÁFICO DO ALTIPLANO DO CABO BRANCO

L. P. Xavier

ABSTRACT

The paper deals with a reestablishment of a patch of tropical forest at Cabo Branco, Paraíba State, Brazil. It is recognized that the only possible way of restoring the local plants is by elimination of the weeds which inhibit the growth of the principal trees and by reintroducing the original species of the Atlantic Tropical Forest.

Do levantamento botânico do altiplano do Cabo Branco, para efeito de desapropriação, percorremos toda área em companhia de colegas de Comissão, artista Hermano Guedes de Melo, e do encarregado do laboratório fotográfico, Sr. Sebastião José dos Santos, chegamos a seguinte conclusão:

Inicialmente, para a defesa do altiplano sugerimos que seja designada uma pessoa de responsabilidade, funcionário do Estado, para manter uma vigilância constante, percorrendo toda a encosta, a fim de evitar qualquer ato que venha por em risco a cobertura vegetal ainda existente, e conservada ainda graças a uma vigilância permanente e espontânea de moradores de Tambaú.

À frente, o médico Gilson Guedes, que tem verdadeiro interesse na conservação da cortina de sustentação da referida barreira. Numa visita detalhada à área da encosta em toda a sua extensão, notamos que existem pequenos trechos que devem ser recuperados através de plantios de gramínea tipo capim-gengibre — *Paspalum maritimum* Trin., excelente gramínea estolonífera capaz de manter os terrenos protegidos da erosão, e que, devem também ter vegetação adulta para assegurar melhor a proteção.

O Cabo Branco é um prolongamento da Mata Atlântica, compreendendo a Mata do Buraquinho, a de São Rafael, onde se encontra a Cidade Universitária, o Seminário Diocesano, antiga propriedade adquirida em 1922, pelo governador Solon de Lucena (1920-1924), do Dr. Manuel Virgínio Veloso Borges, para abastecer de lenha as caldeiras da Usina Hidráulica do Buraquinho, ou o nosso antigo abastecimento d'água. Ainda se confronta com a área do Cabo Branco a Mata da Penha e a de Mangabeira, ambas com pequenos testemunhos da mata antiga, reduzidas hoje à pequenas reboladas de mata. Um forte e eminente testemunho é o grande oitizeiro da Penha, *Moquilea tomentosa*, que deve ser, conforme proposta anterior, protegido pelo IPHAEP com urgência e cuidado de seu tronco por meio de obturação de cimento.

Pois bem, o Cabo Branco enquadra-se ecologicamente na Mata Atlântica, com as subzonas da restinga, a parte da encosta da falésia para o mar, onde a vegetação é típica; além da ruderal comum, observa-se aquela composição normal que vem do quebrar das ondas, com a guagirú (*Chrysobalanus icaco*; Chrysobalanaceae) já raro, inúmeros exemplares de guizos-de-cascavel (*Crotalaria* sp. — Leg.; Caesalpinioidea), a salsa-da-praia (*Ipomoea pes-caprae* Sweet; Convolvulaceae) que é uma planta admirável para servir, com seus estolões subterrâneos, para evitar a erosão eólica da praia, além das outras abaixo: a gitirana-branca (*Ipomoea acetosalefolia*; Convolvulaceae); esta planta ainda tem a vantagem de ser ornamental com suas delicadas corolas brancacentas que abrem pela manhã, dando um belo aspecto ao ambiente verde, ou vermelho, das salsas referidas. Já atingindo o quebrar das ondas, encontramos um tipo de pinheirinho (*Remirea maritima* Aubl.; Cyperaceae), erva vistosa, apresentando o defeito de ferir um pouco os pés devido à rigidez de suas folhas, mas só deve ser afastada no caminho de passagem pois é ótima protetora do solo para evitar a erosão.

Até uma planta afila, de cor amarela, parasita, chamada de cipó-chumbo (*Cassytha americana*; Lauraceae) que vive sobre as demais por ser parasita. Ainda a *Alternanthera maritima* Aubl.; Rubiaceae) e uma delicada plantinha de flores azuis claras (*Polygala cyparise* St. Hil.; Polygalaceae) e a maria-leite (*Euphorbia brasiliensis* Lam.; Euphorbiaceae) além de várias ruderais chamadas-de-carrapicho (*Cenchrus echinatos* Schrader; Gramineae) e o bredo-comum (*Amaranthus spinosus* L.; Amaranthaceae); pega-pinto (*Boerhavia coccinia* Mill.; Nyctaginaceae), a beldroega (*Portulaca oleraceae*; Portulacaceae) e a beldroega-do-mangue (*Sesuvium portulacastrum* L.; Aizoaceae), que suporta água salgada.

Inúmeras outras plantas herbáceas são comuns na subzona da Restinga, que vem do quebrar das ondas até uns 100 metros ou mais, para entrar na vegetação subarbustiva da Mata Atlântica propriamente dita ou Zona ecológica da Mata.

O interesse é a encosta da falésia onde uma vegetação própria procura se adaptar à impetuosidade dos ventos, como uma planta indeterminada da família Malpighiaceae, uma chamada de angélica (*Guettarda platypoda* D.D.; Rubiaceae), além de um João-mole (*Psonia subcordata*; Nyctaginaceae), uma certa espécie de pau-d'arco (*Tabebuia roseo-alba* Sandow), uma espécie de *Clusia*, Clusiaceae, que aparecem com as folhas aparadas

pelos ventos, como se fossem usadas tesouras de podas; muitas outras também aparecem das famílias Compositae, Rubiaceae, Leguminosae, Gramineae altas, Euphorbiaceae, Cyperaceae altas, Sapindaceae, etc. .

Para um ecologista que percorre a área, vê ali como a natureza colocou no trecho sujeito a erosão, ora provocada pela abrasão, ora pelo desmatamento ou o tráfego do homem, os meios de reparar as falhas utilizando e protegendo aquela composição florística com a própria vegetação ali existente.

Passando ao altiplano, temos aí o barranco que contorna todo o Cabo Branco desde o Seixas, até hoje o final da Av. Beira Rio, onde já falamos no começo e onde há uma vegetação maior que deve ser protegida e notamos excelentes exemplares: jatobá (*Hymenia courbaril*; Leg. Caesalpinioideae), pereiro-da-mata (*Luchea ochrophylla* Mart.; Tiliaceae), pau-jangada (*Apeiba* cf. *albiflora* Ducke), planta hoje rara, cupiuba (*Tapirira guianensis* Aubl; Anacardiaceae) e outras e outras, além da composição do sub-bosque que ajuda a garantir o solo e evitar a erosão.

Os lugares onde o homem começa a descer e subir, fazendo pequenos caminhos, dão lugar ao início da erosão. O mesmo ocorrendo em estradas menores para subida ou descida de veículos.

No alto do Cabo Branco, temos, como já falamos, um resíduo da Mata Atlântica que vem do Buraquinho, além de alguns trechos mais ralos apresentando pequena faixa de tabuleiro com as plantas típicas: cajueiro-bravo (Dilemiaceae), cajueiro-legítimo (*Anacardium acidentalis* L.; Anacardiaceae), mangabeira (*Hancornia speciosa*, Muell. Arg.; Apocynaceae), batiputá (*Ouratea* sp.; Schinaceae), murici (*Byrsonima sericia*; Malpighiaceae), etc. . .

No alto do mesmo, onde ainda encontramos belos exemplares de sucupiras, *Bou-dichia virgilioides* L. e uma espécie de *Vochysia* sp. de grande altura, nota-se um exemplar que ficou abandonado, pode-se dizer, inteiramente isolado no campo, com as folhas e ramos reunidos em direção ao vento predominante. Há também um belo exemplar de munguba, com uma broca no tronco, provocada por fogo, mas que poderá ser restaurada com obturação de cimento preparado com uma solução de calda bordalêsa.

A munguba (*Bombax* cf. *gracillipes* K. Schum.) é raríssima naquela faixa. Há outras plantas da família dos Leguminosae, Araliaceae, Moraceae, Rosaceae, Sapindaceae, etc. . compondo os dois arboretos, um de proteção à área do farol e o outro um pouco maior, do Bosque dos Sonhos, do Sr. Paulo Miranda, dignos de proteção do poder público e para incorporar a área a ser protegida.

Há um trecho nas imediações do Conjunto Altiplano, servido por estrada asfaltada e que deveria ser incluída, como área de lazer do próprio Conjunto e onde encontramos excelentes exemplares de sucupiras e outros, pois assim se juntaria à área do Clube universitário – ASUFEP – e teriam excelente área para recreio e embelezamento.

A estrada que passa na frente do Clube deveria ficar com uma faixa única, em vez de dupla, pois melhoraria a encosta do Cabo Branco e não permitiria a correria desenfreada dos carros.

Em suma, quanto ao reflorestamento da área descrita, desde que levantamos a cobertura vegetal existente, dispomos de elementos suficientes para aconselharmos o seguinte:

1 – Procurar a restauração das plantas que estão em crescimento na área, por meio da retirada de plantas invasoras que estejam impedindo o desenvolvimento da brotação das árvores principais;

2 – Que o I.B.D.F. local, juntamente com a Secretaria da Agricultura Estadual e do Setor de Parques e Jardins da Prefeitura providenciem o preparo de sementeiras provenientes de árvores comuns no Altiplano, para reforçar a comunidade vegetal nos locais rarefeitos, de forma a voltar ao que era anteriormente. Deve-se dar preferência ao cajueiro que é comum na área, a sucupira, o sambaquim, a cupiuba, o barbatimão, o conduru, a munguba, etc. . .



Magnífico exemplar de oiti, possivelmente centenário e testemunho do que foi a primitiva Mata Atlântica. Pertence a espécie Moquilla tomentosa – Fam. Chrysobalanaceae.



Vegetação de proteção da encosta da falésia do Cabo Branco, vendo-se as plantas com folhas aparadas pela ventilação. Trata-se de vegetação de folhas gordas, capazes de suportarem o embate dos ventos.



Outro aspecto da falésia do Cabo Branco bastante erodida, vendo-se algumas árvores tentando sustentar-se na maior altura da mesma.

SUMMARY

The autor analyzes the flora of the Cabo Branco (Paraíba State, Brazil) in order to reconstitute the local original Atlantic Tropical Forest.

Prof. Lauro Pires Xavier
Rua Rodrigues de Aquino, 280
58.000 – João Pessoa – PB.
Brasil.